

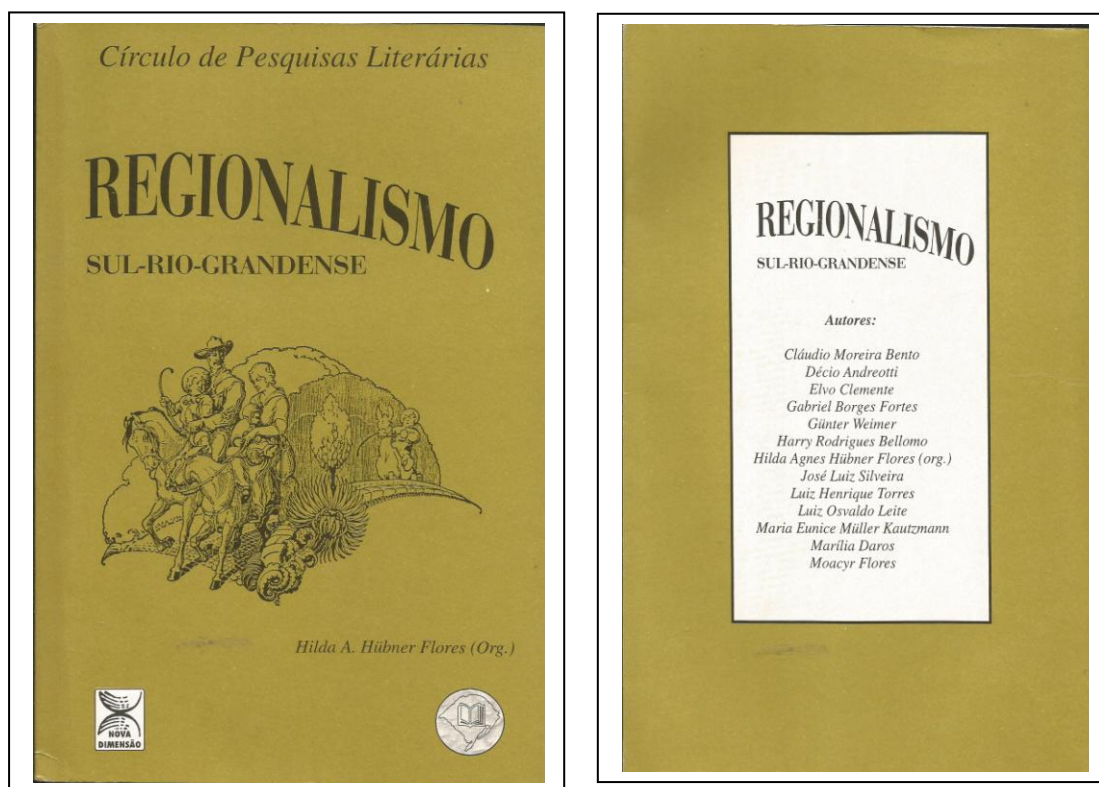
A GUERRA A GAÚCHA



Cel Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista. natural de Canguçu-RS. onde nasceu em 19 out 1931. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971-1974. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate 1981-1982 em Itajubá-MG. Digitalização de seu artigo para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras, em levantamento para ser colocado no Sistema de Bibliotecas do Exército Pergamium, O Cel Bento coordenou em 1970/1971 como missão militar que lhe foi atribuída pelo Comando do IV Exército no Recife a coordenação do Projeto, Construção e Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes, inaugurado em 19 de abril de 1971 pelo Presidente Emílio Médici e. neste dia foi ali lançado o seu primeiro livro AS Batalhas dos Montes Guararapes descrição e análise militar Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971.2v (texto e mapas). Obra reeditada em 2004, pela AHIMTB em um só volume, patrocinado pela FHE-POUPEX com novos mapas de autoria do hoje Capitão de Mar-e-Guerra, filho do autor, o idealizador e administrador do site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br, onde este trabalho será disponibilizado.

O presente artigo foi digitalizado da Revista de 1996, do CIRCULO DE PESQUISAS LITERÁRIA (CIPEL) em Porto Alegre e organizada pela historiadora Hilda A. Hubner Flores. Revista que tem por título REGIONALISMO SUL RIOGRANDENSE a qual nas p.127/134m traz nossa contribuição ora digitalizada para disponibilizá-la na Internet, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado em Boletim Interno e ora em levantamento para integrá-lo via Internet no Programa Pergamium de Bibliotecas do Exército



1ª e 2ª capas da Revista do CIPEL em 1996

A GUERRA À GAÚCHA

Cel Cláudio Moreira Bento

Pode-se definir como uma Doutrina Militar, as maneiras pelas quais uma força militar considerada, se organiza, se equipa, se instrui, é motivada e, empregada para combater. No Rio Grande do Sul, de 1752 a 1932, foi desenvolvida uma doutrina militar genuína, imposta pelas características regionais. Seu pioneirismo penso se encontra na resistência liderada por Sepé Tiaraju, entre Bagé e São Gabriel, onde tombou, e depois, por seus sucessores até os Sete Povos, ao avanço dos exércitos de Portugal e Espanha para os evacuarem dos citados Povos que seriam entregues a Portugal, para serem povoados por açorianos, conforme acordaram no Tratado de Madri de 1750.

Essa Doutrina Militar incipiente seria praticada largamente por Rafael Pinto Bandeira, o primeiro brasileiro a ser elevado a general na Região Sul, durante a ocupação espanhola do Rio Grande do Sul, invadido pelo litoral em 1763 e pela Campanha em 1774, chegando os espanhóis a controlarem próximo de cerca de dois terços do território gaúcho e a dominarem a atual cidade de Rio Grande por 13 anos.

A orientação inicial, base para a **Guerra à gaúcha**, com apoio na “**estratégia do fraco contra o forte**”, foi assim baixada pela Junta Governativa que substituiu no governo do Rio de Janeiro o General Gomes Freire de Andrade e Conde de Bobadela falecido. Junta da qual o único militar era o Cel. Fernandes Pinto Alpyon, que comandara a Artilharia

do Exército Demarcador de Portugal, durante a longa Guerra Guaranítica de 1752-56, contra os índios missioneiros assessorados , pelos jesuítas. Junta que emitiu esta diretriz militar:

“A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas, localizadas em matas e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los. Causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes em constante e continua inquietação.”

A execução dessa doutrina, baseada na guerra de guerrilhas, coube ao Capitão .Francisco Pinto Bandeira, atuando ao norte do rio Camaquã com base nas Guardas da Encruzilhada (atual Encruzilhada do Sul) e a seu filho, Rafael Pinto Bandeira, ao sul do rio Camaquã, com base na Coxilha do Fogo, então Encruzilhada do Duro em Canguçu- RS.

Para essas bases, a partir dos passos do rio Camaquã, convergiam os caminhos. Encruzilhada do Sul barrava os caminhos demandando o Rio Pardo, provenientes do Rio Grande, ocupada pelos espanhóis, desde 1763, ou de Montevideu. Coxilha do Fogo barrava avanços sobre o Rio Grande após sua libertação em 1776, além de contra os espanhóis dominando Rio Grande e adjacências, como o corte do canal do São Gonçalo e as margens das lagoas dos Patos e Mirim. Elas usaram como base também o local da atual cidade dc Canguçu, nó orográfico, dividindo as bacias dos rios Piratini e Camaquã e a Lagoa dos Patos, chave de caminhos, como ponto obrigatório dc passagem para quem dc Rio Pardo demandasse à Vila do Rio Grande e vice-versa e conhecido como Cerro Partido em mapa da época.

A função estratégica dessas guerrilhas era atuar sobre os possíveis caminhos dc invasão ao Rio Grande:

1. Montevideu- Rio Grande- Viamão- Porto Alegre pelo litoral (usado em 1763 por D. Pedro Ceballos, governador de Buenos Aires),
2. Montevideu- Bagé- Santa Tecla (Bagé)- Encruzilhada do Sul- Rio Pardo (usado em 1774 por D. Vertiz y Salcedo, em combinação com a alternativa abaixo),
3. São Borja- Picada São Martinho- Santa Maria- Rio Pardo.

Em sentido contrário, com vistas a uma possível invasão portuguesa, os espanhóis barraram esses caminhos nos seguintes locais onde levantaram fortes:

1. Na Fortaleza de Santa Tereza, no Uruguai atual
2. Na Fortaleza de Santa Tecla em 1774,
3. No Forte de São Martinho, ao norte de Santa Maria.

Em face dessas barragens, Rafael Pinto Bandeira e seus homens passaram a usar o caminho de invasão: (Canguçu – Piratini- Herval do Sul, atuais) -Passo Centurion no rio Jaguarão-Mello e campanha uruguaia.

Com a construção do forte de Cerro Largo, e os portugueses, com a criação das localidades de Piratini e Canguçu sobre o divisor de água da Serra dos Tapes. Desse ponto se conquistado os espanhóis em invasão poderiam rumar para Rio Pardo ou Rio Grande

As guerrilhas dentro de sua estratégia, faziam operações militares denominadas **arreadas**. Elas consistiam, basicamente, em remover-se dos possíveis caminhos de invasões, todo o gado vacum e cavalar, alçado ou não, que fosse encontrado, trazendo-o para Rio Grande, e principalmente o cavalar relacionado com a mobilidade de um exército invasor. Deviam pôr por terra todo o estabelecimento pastoril encontrado, que pudesse servir de apoio a uma invasão.

No Rio Grande do Sul, como na região pampeana, o sucesso de uma expedição militar dependia, além da tropa montada, do gado vacum como alimento auto-transportável. Ele caminhava até o local de ser consumido, fornecendo ainda o couro, essencial por exemplo para a transposição de um rio, ao ser transformado em **pelota**, uma embarcação típica da região, que deu o nome à cidade de Pelotas, ou uma barraca, além de uma profusão de outros itens, ao ponto de caracterizar a **Idade do Couro**.

O cavalo era essencial para o soldado movimentar-se. O boi carreiro ou de tração era importante para o transporte de cargas mais pesadas e mesmo as bagagens e a farinha de guerra (a de mandioca, não perecível).

O gaúcho era um soldado pronto. Para as suas lides normais dispunha de cavalo, arreios, faca e outros utensílios de sobrevivência no pampa, que ele desenvolvera ou copiara dos nativos. De changador transformou-se fácil num soldado regional. Na extremidade do **garrucho**, uma haste de madeira comprida com uma lâmina em meia lua na ponta, para desgarronar o gado e depois sangrá-lo e tirar-lhe o couro, na ponta de sua ferramenta de changador ele colocou sua faca e obteve uma lança.

A erva-mate ele preparava dos ervais nativos. No fogo de chão que servira para seu churrasco, sapecava as folhas da erva, desidratando-as, e assim obtinha o seu chimarrão (mate selvagem), diferente do produzido com o nome de mate e que não chegava a ele. O homem que portava o garrucho para desgarronar manadas de gado alçado, só para a retirada do couro, antes da valorização das carnes, com o estabelecimento das charqueadas gaúchas na área do Canal de São Gonçalo, após a expulsão dos espanhóis do Rio Grande do Sul, em 1776.

De 1763-73, durante dez anos as guerrilhas, a base **da estratégia do fraco contra o forte**, conseguiram evitar a expansão espanhola sobre o Rio Grande do Sul.

O relevante papel que elas desempenharam, com apoio na **guerra à gaúcha**, foi expressiva nessa interpretação do mexicano D. Vertiz y Salcedo, ao invadir o Rio Grande pela segunda vez, em 1773-74, e fazer esta proclamação, vista por um inimigo, o que permite se concluir da eficiência e ousadia das guerrilhas capitaneadas por Rafael Pinto Bandeira, lendário e legendário filho do Rio Grande do Sul, cuja história resgatamos no livro **Comando Militar do Sul 4 décadas de História**: Porto Alegre: CML, 1985, as p.38/52, complementando expressivamente a obra de Alcides Cruz.

“Viamão. Rio Pardo e o sul da vila de Rio Grande e o sul do rio Jacui (serras dos Tapes e do Herval) têm sido refúgio de delinquentes que atuam nos campos de Mal-

donado, Soriano, Baças, Santa Fé, Comentes e Missões. Tudo com o fim de roubar cavalos de nossas estâncias do oeste dos rios do Prata, Uruguai e Paraná. Meus governados, atingidos por lão continuados e incessantes ações. sofrem os maiores prejuízos ao verem suas fazendas destruídas.”

Era o efeito da guerra à gaúcha, ordenada pela Junta que governava o Rio, executada pelo pujilo de bravos, entre os quais os paulistas que chegaram em 1752 com o Exército Demarcador de Gomes Freire e que haviam se estabelecido com estâncias, ou que as haviam perdido com a invasão de 1763.

O cavalo foi essencial nesse tipo de guerra, pois representava mobilidade. Diria que se constituiu em objetivo militar, onde cada facção em luta tinha como meta tomar a cavallhada do oponente. Para evitar-se a perda da cavallhada, eram tomadas medidas especiais, desconhecidas na Europa e no restante do Brasil. O cavalo e o gado vacum, essenciais à mobilidade e alimentação, exigiam locais especiais. Exigiam um rincão, espaço compreendido no interior de uma forquilha, formado por dois braços de rios ou arroios confluente. Ali o gado cavalgar e vacum era colocado em pasto bom, protegido, com boa aguada, sendo mais fácil de controlar estouros de boiadas e a captura pelo inimigo. O controle e o conhecimento dos passos a vao (baixa profundidade que permitia ser atravessado caminhando, cavalgando ou de carreta) dos rios e arroios, era essencial na guerra à gaúcha. Muitos eram pontos obrigatórios de passagem. Os do rio Camaquã eram importantes por articularem as fronteiras do Rio Pardo com a do Rio Grande, como os das Carretas (Caçapava-Canguçu), Marinheiro. Camaquã de Baixo (atual Vao dos Prestes) e Armada, articulando as fronteiras do Rio Pardo com a do Rio Grande, com passagens obrigatórias por Canguçu e Encruzilhada do Sul. O passo da Armada, em realidade passo da Real Armada, usado por D. Vertiz e Salcedo ao se retirar célere, forçado pelas guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira, em direção à base espanhola mais próxima à Vila de Rio Grande, em 1774. como se verá—Ele deixou na toponímia local o passo da Real Armada (Exército) de D. Vertiz, no qual, por indução a erro proposital, a tropa espanhola passou, com imensas dificuldades, ao invés de pelo passo, Vao dos Prestes. Outro passo importante era o Camaquã de Cima. no caminho entre Santa Tecla (Bagé) e Rio Pardo.

As guerrilhas tiveram ação relevante contra a invasão de D. Vertiz, em 1773-74. Conduziram contra ele uma modelar Ação Retardadora, comandada a partir do Rio Pardo pelo Cel. José Marcelino de Figueiredo, governador do Rio Grande.

A guerrilha, seguindo a doutrina da guerra à gaúcha, foi lançada nas duas direções de invasões: Contra São Borja, com suprimentos em cavalos, bois de corte e de tração. que foi capturada num golpe de mão em Santa Bárbara, próximo a Santa Maria. A coluna principal invasora, ao se repartir em duas, teve parte dela batida em Tabatinga, próximo a Pantano Grande, perdendo suas cavallhadas reserva. Isto impediu D. Vertiz de prosseguir sobre Rio Pardo e daí para Porto Alegre, dentro do plano de expulsar os portugueses do Rio Grande do Sul. A solução foi dar caravolta e procurar apoio na base militar mais próxima, a vila de Rio Grande, sob domínio da Espanha há 10 anos. Desfilou com sua Real Armada pelos atuais locais das cidades de Canguçu e Encruzilhada, base das guerrilhas portuguesas, tendo-as à sua retaguarda, desgastando-o e induzindo-o a atravessar o Camaquã no Passo da Real Armada e não no Vao dos Prestes (Camaquã de Baixo).

Este tipo de guerra foi bem desenvolvido na área. O sucesso do futuro Duque de Caxias na pacificação da Revolução Farroupilha foi controlar em suas mãos as cavallhadas existentes no Rio Grande, paralisando os revolucionários, e por entregar as operações a dois experts na guerra à gaúcha, o General. Bento Manuel Ribeiro e o Ten-Cel da Guarda Nacional, Francisco Pedro de Abreu, o Moringue\ que

estudamos em **Porto Alegre, memória dos sítios farrapos na administração de Caxias** (Brasília, EGGCF, 1986). O comandante que anteceder a Caxias tentou conduzir uma guerra clássica contra os farrapos e estes, conduzindo a guerra à gaúcha, sob a liderança de David Canabarro, fizeram com que o Exército Imperial se consumisse em contato ou atrito, com o próprio terreno, à semelhança de um pneu, ao procurar uma batalha decisiva e não encontrar com quem lutar, até dar-se conta de estar se auto-destruindo.

Na Guerra da Cisplatina 1825-28, generais como o Marques de Barbacena não entendiam como uma força militar podia abandonar a proteção defensiva das elevações com dominância de vistas e fogos, para situar-se nas baixadas, nos citados rincões das aguadas, pastagens e cercas naturais representadas pelos braços dos rincões que também forneciam lenha para churrascos e cozinhar e materiais para a construção de barracas ou ramadas. Este modo regional de guerra dominou a História Militar do Rio Grande do Sul até 1932, com o combate de Cerro Alegre, em Piratini, a 20 de setembro. Esse combate deu fim ao ciclo de revoluções gaúchas iniciado exatamente 97 anos antes, em 20 de setembro de 1836, início da Revolução Farroupilha, quando fazia cerca de 80 anos que os índios missioneiros usaram esse estilo de guerra contra os exércitos demarcadores de Espanha e Portugal a caminhar os Sete Povos das Missões, com eficiência no sentido de remoção dos caminhos de progressão dos dois exércitos do gado cavalari e vacum, agravado com a queima das pastagens, em consequência do que os dois exércitos demarcadores atingiram a picada de São Martinho, com muitos arreios nas costas.

Qualquer soldado ou empregado que se afastasse da coluna principal era capturado por uma patrulha das que enxameavam torno dos exércitos em marcha.



Alegoria de Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, com apoio em ilustrações com seu rosto e, fardado de acordo com o uniforme de Brigadeiro de Portugal, e com apoio em pesquisa orientação do autor e executada pela pintora Titida em Resende-RS para figurar na obra Comando Militar do Sul. Hoje por proposta instruída pelo autor e patrono ou denominação histórica do 8º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada em Porto Alegre da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada em Pelotas.

